

## MOYSÉS VELLINHO: UM CRÍTICO MILITANTE

Carlos Alexandre Baumgarten  
Universidade Federal do Rio Grande

O ensaio crítico no Rio Grande do Sul, como no restante do País, tem sua prática vinculada ao jornal e à revista. Nas páginas dos periódicos literários ou não, aqueles que exercem o ofício da crítica encontram espaço para seus estudos que, em geral, passam mais tarde à publicação em livro, se seus autores atingem reconhecida penetração entre os interessados pelos estudos literários. Originalmente, no entanto, o ensaio crítico é escrito para jornal.

No Rio Grande do Sul, a partir da segunda metade do século XIX, em função do grande número de periódicos surgidos na Capital e no interior, desenvolveu-se o ensaio crítico. Foi nesse período que despontaram aqueles que primeiro se dedicaram à atividade crítica, como foram os casos de Glodomiro Paredes, Bernardo Taveira Júnior e, sobretudo, Apolinário Porto Alegre, responsável pela publicação do melhor e mais extenso estudo crítico do período: *José de Alencar – Estudo biográfico*. Estes estudos, entretanto, se constituíram apenas num esforço inicial no sentido de se desenvolver a atividade crítica no Estado, mostrando-se superficiais e pouco especializados, como já se teve oportunidade de referir em estudos anteriores.<sup>2</sup>

A crítica literária no Estado conseguiu atingir maior profundidade a partir da República, quando as teorias taineanas e comteanas passaram a dominar o cenário cultural sul-rio-grandense de forma definitiva, sendo elas as responsáveis pela disciplina e rigor que caracterizaram nossa produção crítica já nos últimos anos do século XIX. Ainda aqui, a crítica literária é crítica de jornal, despontando os periódicos *A Gazeta de Porto Alegre*, tendo como redator Carlos von Koseritz, *A Reforma*, órgão do Partido Liberal, *A República* e o *Petit Journal*, já no início do século XX, entre outros jornais espalhados pelo Rio Grande do Sul.

Deste período, foram os trabalhos de Alcides Maya, sem dúvida o primeiro, dentre os gaúchos, a apresentar uma produção crítica continuada e harmônica e a respeito do qual Flávio Loureiro Chaves afirmou:

*Em verdade, torna-se difícil classificá-lo numa tendência ou linhagem determinada e esta é precisamente sua principal qualidade. À unilateralidade conservadora de sua ficção corresponde, contraditoriamente, a abertura intelectual de que se serve na atividade crítica.*<sup>3</sup>

Os ensaios críticos de Alcides Maya, embora quase todos reunidos em livro, surgiram inicialmente nas páginas de nossos principais periódicos, como foi o caso do conhecido “Literatura

<sup>2</sup> Ver, a propósito: BAUMGARTEN, C. A. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880*. Porto Alegre: EST, 1982. V., também: BAUMGARTEN, C. A. *A crítica literária no Rio Grande do Sul. Do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.

<sup>3</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979. p. XVII.

nacional”<sup>4</sup>, publicado primeiramente em 1898, n’ *A República*, jornal porto-alegrense, ou de “A nossa história literária”, divulgado no *Correio do Povo*, ao longo de três números, sob os títulos “Literatura brasileira”<sup>5</sup> e “Literatura nacional”<sup>6</sup>, saindo, mais tarde, em 1900, no livro intitulado coerentemente *Através da imprensa*.

Ao lado dos textos que discutem problemas relativos à literatura brasileira, Alcides Maya publicou uma série de outros em que a produção intelectual estrangeira também foi alvo de exame. Este é o caso de um conjunto de artigos publicados no *Correio do Povo*, sob o título *Estudos e Notas*, onde se examinam “Cyrano de Bergerac”<sup>7</sup>, de Rostand, “Complications sentimentales”<sup>8</sup>, de Paul Bourget, “Lês revenants”<sup>9</sup> e “Casa de bonecas”<sup>10</sup>, de Ibsen, que comprovam o largo conhecimento e atualização cultural deste que foi nosso primeiro crítico digno de nota, dada a variedade de sua produção. A partir de Alcides Maya, portanto, a crítica literária no Rio Grande do Sul consolidou-se definitivamente como uma prática constante e cada vez mais especializada.

Ao lado de Alcides Maya, surgem outros críticos que também desenvolvem, através do jornal, seus estudos literários. Esse é o caso de João Pinto da Silva que, a exemplo de seu predecessor, publica inicialmente nas páginas d’ *O Diário*, d’ *A Notícias* e d’ *A Federação*, todos periódicos de Porto Alegre, textos que dão origem ao seu primeiro livro de ensaios: *Vultos do meu caminho* (Estudos e impressões de literatura), de 1918. O mesmo livro, revisado e aumentado, seria publicado em 1926 e 1927, em dois volumes. Antes disso, porém, João Pinto divulga, em 1922, *Fisionomias de novos*, através do qual focaliza a obra de autores sul-rio-grandenses em atividade nas primeiras décadas do século XX. Contudo, o ponto alto de sua produção bibliográfica é, sem dúvida, a *História literária do Rio Grande do Sul*<sup>11</sup>, primeiro grande inventário da produção literária sul-rio-grandense, que veio a lume no ano de 1924.

Nesse sentido, quando Moysés Vellinho surge no panorama do ensaio crítico sul-rio-grandense, ao início da década de 20 do século passado, encontra um cenário consolidado pelas contribuições dos que o antecederam, especialmente aquelas vinculadas ao trabalho desenvolvido por Alcides Maya e por João Pinto da Silva. Como estes, Vellinho vale-se das páginas dos jornais, especialmente do *Correio do Povo*, para veicular seus escritos no campo da crítica literária. Tais escritos seriam, mais tarde, reunidos nas seguintes publicações: *Letras da Província*, de 1944, e *Aparas do tempo*, de 1981.

O nome de Vellinho, contudo, começa a ganhar relevo na cena cultural sulina quando, em 1925, através de uma série de textos publicados nas páginas do *Correio do Povo*, envolve-se em polêmica com Rubens de Barcellos, na discussão de teses relativas ao Regionalismo gaúcho, tópico antes desenvolvido por Alcides Maya e João Pinto da Silva em seus escritos sobre o processo literário sulino. A polêmica foi deflagrada pela divulgação de “O papel da nova geração”, ensaio em que Vellinho, sob o pseudônimo de Paulo Arinos, ataca a ficção regionalista de Alcides Maya, responsável, segundo o ensaísta, pela criação do *saudosismo na literatura local (...), um partido dos*

<sup>4</sup> MAYA, Alcides. Literatura nacional. *República*, Porto Alegre, 28.7.1898.

<sup>5</sup> MAYA, Alcides. Literatura brasileira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26.2.1898.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. Literatura nacional. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1º/4.3.1899.

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. Estudos e notas – Cyrano de Bergerac. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24.7.1898.

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_. Estudos e notas – Complications sentimentales. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28.7.1898.

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_. Estudos e notas – Lendo Ibsen. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 18.9.1898.

<sup>10</sup> \_\_\_\_\_. Estudos e notas – Lendo Ibsen. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 25.9.1898.

<sup>11</sup> SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

*que acreditavam no passado e desconfiavam do presente. Partido desencantado e melancólico.*<sup>12</sup>

O ataque à obra de Alcides Maya, então um intelectual dos mais festejados no Rio Grande do Sul e membro da Academia Brasileira de Letras, recebe resposta imediata em “O Regionalismo e o papel da nova geração”, longo ensaio, de autoria de Rubens de Barcellos, no qual o articulista, ao fazer a defesa do autor de *Ruínas vivas*, não só refuta as teses de Vellinho, como o acusa de não revelar e seguir, em seu artigo, o espírito que prescreve à nova geração, uma vez que *o meu jovem amigo pede aos novos franqueza, coragem, saúde no pensamento. Pois desses atributos carece o seu artigo, cuja intenção se esconde em insinuações, e cujo pensamento, longe de se externar à plena luz, busca as entrelinhas e espia das reticências.*<sup>13</sup>

A polêmica se prolongaria por mais três ensaios: “Guerra à saudade”, “Pessimismo e realidade”, de Moysés Vellinho, e “Regionalismo e realidade”, de Rubens de Barcellos. Afora ter colocado na ordem do dia a discussão em torno do Regionalismo literário sul-rio-grandense, a importância do debate está relacionada a um juízo que, formulado por Vellinho, por muito tempo acompanha a produção ficcional de Alcides Maya, qual seja, o da inadequação do estilo do autor de *Tapera* ao assunto, ao meio e ao homem por ele focalizados:

*Consoante se tem notado alguma vez, a contextura propriamente literária da obra do Sr. Alcides Maya é indiferente, se não adversa, ao pitoresco todo especial da terra e da gente a que se refere. Nem as expressões dialetais, copiosamente usadas pelo autor, desmentem a observação aí feita, porque em regra soam mal ao pé de um vocabulário imponente e por vezes precioso.*<sup>14</sup>

É provável que, ao formular tal juízo, Moysés Vellinho estivesse influenciado pelo Modernismo no que diz respeito à elevação da “fala brasileira” à condição de linguagem literária. Contudo, como bem acentuou Flávio Loureiro Chaves<sup>15</sup>, errou de alvo o autor de *Letras da Província* ao voltar-se sobre a ficção de Alcides Maya, esquecendo-se da obra de Simões Lopes Neto, exemplo mais acabado, no âmbito da produção regionalista sul-rio-grandense, da adequação do estilo à realidade e aos temas preferenciais do Regionalismo literário produzido no Estado.

A questão envolvendo o Regionalismo literário voltaria a ser abordada por Moysés Vellinho em “Alcides Maya – a expressão literária e o sentido sociológico de seu pensamento” e “A carreira póstuma de Simões Lopes Neto”, ensaios integrantes de *Letras da Província*, de 1960. No primeiro, retoma o exame da produção de Alcides Maya, agora considerada em sua totalidade: o ensaio crítico e a prosa de ficção. Se ao Alcides Maya ensaísta, sobretudo aquele dos primeiros textos (*Pelo futuro* (1897), *Através da imprensa* (1900), *O Rio Grande Independente* (1909), sobram elogios, ao contista e romancista fazem-se as mesmas críticas constantes dos ensaios da polêmica de 1925. Em verdade, Vellinho identifica um contraste entre o ensaísta, autor de uma escrita espontânea, e o prosador, dono de *um complicado processo de estilização*<sup>16</sup>, que se traduz principalmente na falta

<sup>12</sup> VELLINHO, Moysés. O papel da nova geração. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul, 1868-1960*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979. p. 86.

<sup>13</sup> BARCELLOS, Rubens de. O Regionalismo e o papel da nova geração. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul, 1868-1960*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979. p. 95.

<sup>14</sup> VELLINHO, Moysés. Pessimismo e realidade. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul, 1868-1960*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979. p. 111-112.

<sup>15</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul, 1868-1960*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1979. p. XXV.

<sup>16</sup> VELLINHO, Moysés. Alcides Maya – a expressão literária e o sentido sociológico de seu pensamento. In: \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 8.

*de conformidade entre o estilo e o assunto.*<sup>17</sup>

Por outro lado, a análise da produção ficcional de Simões Lopes Neto pode ser vista como um contraponto à realizada sobre a obra de Alcides Maya, já que *a extrema naturalidade do contista rio-grandense [Simões Lopes Neto], que tanto o afasta de certo regionalismo acadêmico, mostra-o em plena comunhão com a natureza, vivendo entre os seus dons como se fora deles nada mais existisse.*<sup>18</sup> Assim, se durante a polêmica de 1925 Moysés Vellinho erra de alvo ao escolher Alcides Maya como ponto de partida para desenvolver suas teses sobre o Regionalismo literário, agora acerta, ao debruçar-se sobre a escrita do autor pelotense, cuja leitura o leva a afirmar que *nada se lhe pode subtrair sem pôr em risco o perfeito equilíbrio entre concepção e expressão.*<sup>19</sup>

É, portanto, na ficção do autor de *Contos gauchescos* que Vellinho encontra eco para as idéias que vem desenvolvendo desde a segunda década do século XX. Além disso, ao analisar o Regionalismo literário, dá continuidade às reflexões anteriormente desenvolvidas por Alcides Maya e João Pinto da Silva.

Moysés Vellinho foi, igualmente, um leitor atento da obra de Machado de Machado de Assis, a quem dedicou duas publicações: *Machado de Assis: aspectos de sua vida e obra*, de 1939, incorporada, mais tarde, a *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*, de 1960. Na leitura da produção machadiana, Vellinho analisa preferencialmente as obras da chamada fase realista do autor de *Várias histórias: Memórias póstumas de Brás Cubas, Histórias sem data, Quincas Borba, Dom Casmurro e Esaú e Jacó*. Em Machado, autor de *uma obra que é a expressão mais alta do nosso patrimônio literário*<sup>20</sup>, Vellinho reconhece *o único filão rigorosamente inesgotável da nossa literatura*<sup>21</sup>, devido principalmente ao caráter universal de sua escrita, cuja ênfase recai no tratamento do mundo interior das personagens, em sua conformação psicológica. Além disso, e talvez aí resida a originalidade da leitura que realiza da ficção machadiana, Vellinho registra o profundo sentido social que ela apresenta, já que *nenhum dos nossos escritores foi mais meticuloso [do que Machado] na reprodução dos costumes de sua época, mais exato na retratação dos tipos e caracteres que encheram os seus dias e com os quais ainda topamos freqüentemente nos cafés, nas repartições públicas, nos salões, nas ruas.*<sup>22</sup> Contrapondo-se àqueles que acusam Machado de omitido em face da escravidão, afirma que *não há hoje quem desconheça que nos seus contos e romances é que vamos surpreender o regime da escravidão nos seus aspectos por assim dizer cotidianos.*<sup>23</sup>

A análise da obra de Machado de Assis, por outro lado, revela, mais uma vez, um Moysés Vellinho plenamente integrado à tradição do ensaio crítico sulino que, através do *Machado de Assis – algumas notas sobre o humour*, de 1912, de Alcides Maya, havia iniciado a recepção crítica da ficção machadiana no âmbito da crítica literária sul-rio-grandense. É em Maya, provavelmente, que o autor de *Letras da Província* vai buscar inspiração para perceber e surpreender, nos livros de Machado, *o olho venenoso do grande humorista a sublinhar os pecados que comprometem e*

<sup>17</sup> Op. cit. nota n. 15, p. 9.

<sup>18</sup> VELLINHO, Moysés. A carreira póstuma de Simões Lopes Neto. In: \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 256.

<sup>19</sup> Op. cit. nota n. 17, p. 256.

<sup>20</sup> VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*. Rio de Janeiro: São José, 1960. p. 14.

<sup>21</sup> Op. cit. nota n. 19, p. 16.

<sup>22</sup> Op. cit. nota n. 19, p. 20.

<sup>23</sup> Op. cit. nota n. 19, p. 41.

*corrompem as relações dos homens entre si, enredando-os e atirando-os uns contra os outros.*<sup>24</sup>

No exame da ficção machadiana, mesclando a crítica biográfica, em “Um brasileiro contra a paisagem”, com a crítica sociológica, em “Motivos de crítica social”, Moysés Vellinho, embora busque comprovar que o autor de *Dom Casmurro* focalizou os problemas sociais e políticos de seu tempo, enfatiza, em verdade, o caráter universal de sua produção, pois *o que Machado de Assis buscava sempre, por cima das contingências, foi o fermento imutável do homem.*<sup>25</sup>

Eça de Queiroz é outro, dentre os grandes prosadores de língua portuguesa, a ser objeto da atenção de Moysés Vellinho, que publica nas páginas da *Província de São Pedro*, em junho de 1946, “Eça de Queiroz e o espírito de rebeldia”.<sup>26</sup> Nesse texto, como já o fizera em Editorial da mesma revista, em dezembro de 1945, o crítico encaminha sua análise no sentido de valorizar o estilo do autor português, visto como o aspecto responsável pela renovação da língua portuguesa e pela vitalidade apresentada por sua obra. Todavia, para chegar a tal conclusão, procede a uma recuperação do percurso de Eça desde a sua juventude, passada em Coimbra, até os últimos escritos. Segundo Vellinho, em todos os momentos dessa trajetória, o que marca a ação política do romancista e de sua obra é o que chama de espírito de rebeldia, sendo, por essa razão, o desacato a chave para a compreensão de seus escritos.

Na leitura da produção literária de Eça de Queiroz, Vellinho se alia àqueles que vêm na obra do autor português uma forte presença do Romantismo. Nesse sentido, afirma:

... ele era fundamentalmente um romântico. No desenho de seus tipos preferidos, aqueles em cuja companhia se sentia mais à vontade, o realista havia de ficar apenas na concepção ou quando muito no esboço: quem lhes dava corpo, quem lhes fixava as feições definitivas era o romântico.<sup>27</sup>

Se Eça se mostra tributário do Romantismo na composição de suas personagens, para Vellinho é ele também um romântico quando se dedica à descrição da natureza, frente a qual guarda (...) uma atitude de invariável lirismo.<sup>28</sup> Na formulação de sua tese, o ensaísta recorre não apenas a citações de passagens de *As cidades e as serras*, como estabelece um paralelo com Fialho de Almeida que, ao contrário de seu compatriota, mostra-se implacável no seu objetivismo.<sup>29</sup>

Moysés Vellinho encerra seu texto, um de seus ensaios críticos mais longos, situando o principal valor da ficção queirosiana na renovação que empreendeu no âmbito da Língua Portuguesa. Nessa medida, *foi, sem dúvida, pelo estilo mais que pelo conteúdo político de sua obra, que o grande romancista traduziu os impulsos de renovação que tanto o perseguiram.*<sup>30</sup>

O foco maior de interesse do ensaio crítico de Moysés Vellinho é, contudo, a literatura sul-rio-grandense e seus autores. Nessa perspectiva, o autor sulino por ele mais estudado é, sem dúvida, Erico Verissimo, sobre o qual escreve, pelo menos, três ensaios: o primeiro, “Erico Verissimo – o romancista”, aborda a produção inicial de Erico, abarcando *Clarissa, Música ao longe, Caminhos*

<sup>24</sup> Op. cit. nota n. 19, p. 54.

<sup>25</sup> Op. cit. nota n. 19. p. 45.

<sup>26</sup> VELLINHO, Moysés. Eça de Queiroz e o espírito de rebeldia. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, Globo, n. 5, jun. de 1946. p. 82-90.

<sup>27</sup> Op. cit. nota n. 25, p. 85.

<sup>28</sup> Op. cit. nota n. 25, p. 86.

<sup>29</sup> Op. cit. nota n. 25, p. 86.

<sup>30</sup> Op. cit. nota n. 25, p. 90.

cruzados, *Um lugar ao sol*, *Olhai os lírios do campo*, *Saga* e *O resto é silêncio*; o segundo, “O tempo e o vento”, é voltado inteiramente para a análise da primeira parte da trilogia de mesmo nome; o último, “Uma aventura noturna”, ocupa-se exclusivamente da leitura de *Noite*.

Moysés Vellinho realiza uma leitura da ficção de Erico Verissimo tendo por horizonte, invariavelmente, o conjunto da obra que, na sua perspectiva, parece obedecer a um planejamento prévio. Assim, *Música ao longe*, embora sendo o terceiro romance a ser publicado por Erico, é visto como um elo de ligação entre *Clarissa* e *Caminhos cruzados*, os dois primeiros. O mesmo ocorre, de certo modo, com *Noite*, rito de passagem indispensável entre a obra inicial e a grande empresa de *O tempo e o vento*.

Apesar de revelar-se um admirador confesso da escrita de Erico, Vellinho, no exercício da crítica, não deixa de apontar aspectos que lhe parecem falhos na produção do autor de *Olhai os lírios do campo*. É exemplar, nessa medida, o paralelo que traça entre *Caminhos cruzados* e *Música ao longe*:

*Se em Caminhos cruzados tudo se passa numa grande palpitação de vida, e a maioria dos tipos são recortados com firmeza e decisão, já o mesmo não se dá com relação à novela Música ao longe. (...) O livro, um tanto aguado, flui com excessiva leveza através de motivos insistente e monótonos e falhos de interesse.*<sup>31</sup>

Na comparação que estabelece entre as duas narrativas, Vellinho não esquece também de fazer a defesa de Erico contra aqueles que o acusavam de, em *Caminhos cruzados*, haver sofrido demasiada influência de *Contraponto*, de Aldous Huxley, que o próprio romancista sulino havia traduzido para o português. Reconhecendo no autor de *Clarissa* um conhecedor das modernas técnicas compostionais no âmbito da criação ficcional, Vellinho encerra a questão, afirmando que *a comparação ociosa, o confronto gratuito ou impertinente, são recursos de que a crítica indígena tem usado e abusado, sem outro mérito senão o de mostrar uma erudição tantas vezes mal digerida.*<sup>32</sup>

É, contudo, no primeiro volume da trilogia de *O tempo e o vento*, que Vellinho surpreende um Erico Verissimo dono absoluto da técnica de narrar que, segundo o crítico, vinha ele experimentando desde *Caminhos cruzados*. Daí afirmar que *o romance revela, no conjunto, um grau de fluência como raramente se encontra em nossa literatura.*<sup>33</sup> Registra, ainda, uma série de características que marcam a narrativa de modo contundente: a força que as personagens femininas assumem no romance, aspecto a afastá-lo dos perfis femininos, se é que os havia, concebidos pela ficção regionalista sulina; o número significativo de cenas revestidas de erotismo, nem *sempre de acordo com as legítimas exigências do romance;*<sup>34</sup> a sensibilidade plástica na apreensão e expressão da paisagem.

Dyonélio Machado também teve sua produção inicial (*Um pobre homem*, *Os ratos* e *O louco do Cati*) analisada por Moysés Vellinho, no ensaio de título “Dyonélio Machado – do conto ao romance”. Nesse ensaio, Vellinho revela-se um duro crítico do estilo e da concepção literária de Dyonélio, não poupando nenhuma de suas realizações no campo da ficção. Nem mesmo *Os ratos*, romance dos mais festejados pela crítica brasileira, agrada ao ensaísta, uma vez que se revela

<sup>31</sup> VELLINHO, Moysés. Erico Verissimo – o romancista. In: \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 88.

<sup>32</sup> Op. cit. nota n. 30, p. 85.

<sup>33</sup> VELLINHO, Moysés. *O tempo e o vento*. In: \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 188.

<sup>34</sup> Op. cit. nota n. 32, p. 194.

portador de um estilo *incolor e abafadiço*.<sup>35</sup> Quanto à segunda narrativa, *O louco do Cati*, as críticas mostram-se mais fortes e contundentes, pois *nenhum romancista brasileiro de qualquer época terá excedido o autor d'O louco do Cati no empenho de enfatizar o leitor e afugentá-lo do texto*.<sup>36</sup> Autor de um ensaio crítico por vezes essencialmente judicativo, em que um juízo final e de valor é a meta a ser alcançada, Moysés Vellinho encerra seu texto afirmando ser *O louco do Cati um romance cuja razão de ser é impossível descobrir, pelo simples motivo de que não tem forma, não tem conteúdo, não tem qualquer propósito acessível à percepção comum*.<sup>37</sup>

Se Moysés Vellinho, ao longo de sua trajetória como crítico literário, mostra-se um leitor assíduo da prosa de ficção, raras são suas incursões no que se refere à poesia. Entre estas, situam-se dois textos: “Evocação de Lobo da Costa” e “Augusto Meyer – poeta e crítico”. O exame da poesia de Lobo da Costa reveste-se de um caráter puramente biográfico, em que episódios da vida do poeta são utilizados na explicação de sua produção, que tem relevados seu caráter romântico e sua extrema popularidade. No artigo dedicado ao autor de *Poemas de Bilu*, Vellinho realiza uma leitura balizada pela relação dialética existente entre a produção poética e ensaística de Augusto Meyer. Na primeira, sob a influência renovadora da Semana de Arte Moderna, surpreende uma feliz comunhão *entre os traços regionais que lhe vincam*<sup>38</sup> e uma expressão essencialmente humana e universal; na segunda, identifica um crítico que, no desempenho de sua função, revela-se preocupado apenas com *os traços que fazem de cada manifestação criadora uma expressão autônoma, inconfundível*.<sup>39</sup> Vellinho conclui seu ensaio, anotando a simbiose que há entre o poeta e o crítico, na produção de Augusto Meyer.

Além da narrativa e da poesia, o ensaio e a historiografia literária foram objeto da atenção de Moysés Vellinho que, em “João Pinto da Silva – crítica construtiva” e “O balanço crítico da literatura rio-grandense”, analisa, respectivamente, a produção crítica e historiográfica de João Pinto da Silva e a *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar. Além de elogiar os dois autores, sobretudo por seus estudos no campo da história literária sul-rio-grandense, Vellinho emite juízos, como já o fizera em outros escritos, sobre a formação histórica do Estado e seus reflexos no âmbito da produção cultural e literária local. Nesse sentido, consideradas as peculiaridades da história regional, afirma que, *em termos absolutos, ou sob o ponto de vista propriamente estético, está claro que o patrimônio cultural do Rio Grande do Sul se caracteriza pelo predomínio quantitativo de valores mais que modestos, esteticamente pouco menos que desprezíveis*.<sup>40</sup> O juízo, embora pouco lisonjeiro para as letras regionais, revela, mais uma vez, um crítico afeito ao debate e à polêmica, tal como já ficara comprovado em sua estréia no exercício da crítica, nos primeiros anos da década de 20 do século passado.

A leitura do conjunto da produção crítica de Moysés Vellinho, crítico militante por um período de pelo menos quatro décadas, mostra, de um lado, um intelectual envolvido com as principais questões que ocuparam a cena cultural sul-rio-grandense entre os anos 20 e 60 do século passado; de outro, um ensaísta que dá continuidade ao debate sobre o sistema literário regional, iniciado por aqueles que o antecederam no exercício da crítica literária. Seus ensaios, publicados

<sup>35</sup> VELLINHO, Moysés. Dyonélio Machado – do conto ao romance. In: \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 73.

<sup>36</sup> Op. cit. nota n. 34, p. 76.

<sup>37</sup> Op. cit. nota n. 34, p. 77.

<sup>38</sup> VELLINHO, Moysés. Augusto Meyer – poeta e crítico. In: \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 43.

<sup>39</sup> Op. cit. nota n. 37, p. 36.

<sup>40</sup> VELLINHO, Moysés. João Pinto da Silva – crítica construtiva. In: \_\_\_\_\_. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 59.

originalmente nas páginas de periódicos porto-alegrenses, demarcam, além disso, o término de uma fase da crítica literária sulina que, gradativamente, migra do jornal para o âmbito das revistas acadêmicas, e se volta para um público mais restrito e especializado. Sua produção crítica sinaliza, em última instância, para a afirmação do ensaio sul-rio-grandense que, no curso do século XX, afina-se com o que vinha sendo produzido no centro do País, sobretudo naqueles aspectos inovadores introduzidos pelo Modernismo de 1922.